

Julia Ritter

# Entrevista

por Aline Serzedello Vilça

Julia Ritter é performer, intérprete, coreógrafa, arte-educadora, atua na escola Fulbright e é diretora- artística da Julia Ritter Performance Group (Julia Ritter Grupo de Performance). Julia é professora da Mason Gross Escola de Artes de Rutgers, da Universidade Estadual de New Jersey, onde ministra as disciplinas de improvisação, composição e Dança Moderna. Julia é diretora do curso de graduação e diretora do currículo de dança- educação.

Cedeu gentilmente a entrevista à Revista Contemporâneos, um dia antes de seu retorno aos Estados Unidos, em um fim de tarde cinza, porém agradável das montanhas mineiras, na sede do Curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa.

“É necessário continuar  
em Busca”

Julia graduou-se em bacharelado em 1992, em Artes Finas pelo Departamento de Dança da Mason Gross Escola de Artes da Universidade de Rutgers. Em 1997 completou seu mestrado em Artes Finas na Dança pela Universidade Temple.

O trabalho de Julia combina mais de 20 anos de treinamento em dança, exploração vocal e técnica em artes cênicas. Com a Performance Group (Grupo de Performance), ela explora a criatividade individual de cada bailarino a partir do histórico artístico de cada um,

Julia recebeu três prestigiados prêmios Fulbright dos EUA Bureau de Educação e Cultura. Foi premiada com o Fulbright Especialista Sênior por sua residência artística na Universidade Yildiz em Estandul, Turquia em Março de 2008. Em 2002- 2003, Julia recebeu o prêmio Fulbright por ministrar e coordenar processos criativos e coreográficos para estudantes da renomada Akademie des Tanzes em Mannheim, Alemanha. Em 2005, foi contemplada com o prêmio de Especialista Sênior Fulbright para retornar à Akademie des Tanzes a fim de criar um novo trabalho. Em março de 2007, Julia se apresentou e ministrou mini cursos no “Performatica”, um festival de dança e performance no México, com apoio da Secretaria de Cultura e da Universidade das Américas. (Secretary of Culture and the Universidade de Las Americas).

Fonte: [http://web.mac.com/juliaritter/Site\\_2/Welcome.html](http://web.mac.com/juliaritter/Site_2/Welcome.html)  
(trad. minha)

### *Contemporâneos- Quem é Julia Ritter?*

Julia Ritter - Julia Ritter é uma coreógrafa norte- americana que mora em New Jearsey. Também é professora nos cursos de graduação e pós graduação no instituto de artes da Mason Gross, que é como um conservatório da Universidade de Rutgers, e diretora do curso de graduação da mesma instituição. (risos, pelo uso da terceira pessoal)

*Contemporâneos - E a Julia despida das tarefas profissionais (se é que é possível), aquela simplesmente que gosta de Dançar, que tem prazer em fazê-lo independente do carreira?*

Julia Ritter - Hum, eu costumo dizer às pessoas que uma das razões que me fizeram dançar e gostar de dançar, é o fato de ser a única coisa no mundo que me deixa absolutamente concentrada. Normalmente minha mente pensa muitas coisas ao mesmo tempo e muito rápido. Quando estou fazendo algo, sempre estou pensando em uma série de outras coisas. No entanto, a Dança é a única coisa que me faz ficar compenetrada, focada. Quando danço, eu só danço, e há algo muito maravilhoso nisso.

Há uma autora norte- americana que diz que a felicidade está em se sentir absorvido por algo completamente. Acredito que a Dança tem esse efeito em mim.

Eu gosto de tudo na dança, a expressão corporal, o fato de unir as pessoas socialmente, amo a união de corpo e mente. Danço há muito tempo, desde os cinco anos de idade.

Durante um pequeno período de minha vida, cerca de um ano, fiz ginástica, mas logo disse aos meus pais que eu queria mesmo era a Dança. Sinto-me lisonjeada de ter entendido e descoberto o que queria para a vida toda, tão cedo.

A partir daí tudo passou a girar em torno da Dança, o modo de vida, os interesses profissionais. Inclusive as pessoas com quem me relaciono, meus amigos também dançam. Minha vida particular também tem tudo a ver com a Dança. Quando não estou dançando profissionalmente eu faço YOGA ou saio para dançar.

Eu amo a Dança.

*Contemporâneos - Aos cinco, quando começou a dançar, a quais técnicas você foi introduzida? Começou com o Ballet como de costume na construção da carreira de um bailarino?*

Julia Ritter - Não, era a Dança Criativa. Algo mais solto, explorando espaço, o corpo, o ritmo. Com influência dos estudos de Laban.

Não fazíamos Ballet especificamente, aprendíamos a 1ª posição, 2ª posição do Ballet, mas não era aula de técnica fechada, o objetivo era estimular o movimento. Eu adorava. Depois mais velha tive aulas de Ballet e Jazz.

Tive muita sorte, pois dançava em um estúdio em que tínhamos acesso a oficinas de diversas técnicas de Dança. Danças Indianas, Danças Afro- descendentes, Danças Folclóricas.

*Contemporâneos - Quando você decidiu ser bailarina profissional você pode contar com o apoio de sua família?*

Julia Ritter - Tive muita sorte meus pais nunca me disseram que não poderia ser bailarina. Eles me deram o suporte, sabiam que não havia mais nada que poderia e gostaria de fazer profissionalmente.

Uma vez meu pai me perguntou se eu tinha certeza se não queria ser cantora em vez de bailarina, pois em sua perspectiva cantora daria mais dinheiro. Mas mesmo assim, nunca deixou de me dar suporte.

Ainda canto, mas a dança tomou conta da minha vida. Gostaria de conseguir equilibrar melhor as duas carreiras, cantora e bailarina. Sempre canto nos espetáculos da minha Cia. Mas tive apoio sim, com certeza tive muita sorte de ter o suporte dos meus pais. Tenho uma amiga bailarina, que os pais não a apoiaram. Ela teve que pagar sozinha a faculdade, passou maus bocados devido à essa falta de apoio.

*“Eu amo  
a Dança”*

*Julia Ritter*



Andre Costantini

*Contemporâneos - Como foi sua formação universitária?*

Julia Ritter - Eu fiz graduação na universidade em que hoje sou professora. Depois mudei para Nova York, fui experimentar outras possibilidades da área, estudei, fiz aulas com diversos professores, dancei profissionalmente. Depois fui para a Filadélfia, na Universidade de Temple, onde conheci as professoras Marcela e a Alba (professora do curso de graduação em Dança, da Universidade Federal de Viçosa, que a convidou para coreografar e ministrar aulas de composição coreográfica para os alunos do curso de Dança). Entre 1995 e 1997 fiz o mestrado em Dança (MFA- Mestrado em Artes Finas) voltado para direção e composição coreográfica.

*Contemporâneos - Quais são os estímulos de criação para as composições coreográficas da sua Cia?*

Julia Ritter - Busco trabalhar de forma transdisciplinar, trabalhar a interseção de Dança, Música e Teatro. Busco colocar as linguagens artísticas juntas. A maioria das produções da minha Cia têm música ao vivo, e nos últimos seis anos só tenho bailarinos que também são cantores.

Assim, também temos ensaio e preparação vocal, e um grupo de músicos que compõem para as nossas peças. É um sistema de colaboração entre as artes. Eu não me considero uma bailarina pura. Assim como minha Cia que se chama Performance Group, também sou intérprete (performer), porque misturamos várias linguagens. Não quero que seja uma Cia de Dança, ou Grupo de Dança, somos performers (intérpretes).

*Contemporâneos - Como é o processo de seleção para a entrada na Cia, são todos alunos ou ex-alunos da universidade?*

Julia Ritter - Alguns são alunos da universidade, mas a maioria foi escolhida em audição.

No processo de seleção, há a etapa de dança, mas também o teste de voz. Não fazemos grandes audições, pela falta de dinheiro, tenho que procurar patrocinadores o tempo todo, fazemos pequenas audições. Outros coreógrafos indicam bailarinos, e claro o contato com os alunos da universidade também facilita a seleção para a entrada na Cia, pois já conheço os corpos, em muitos casos, já coreografei com muitos dos bailarinos que são alunos e desejam entrar na Cia, mas sempre há um processo de seleção.

*Contemporâneos - Como é o suporte financeiro Julia Ritter Performer Group?*

Julia Ritter - Bom, nos EUA não há suporte para a arte independente, então você tem que se incorporar a alguma organização ou instituição. Então, temos que escrever propostas para o governo ou fundações que patrocinam, é difícil. Há uma grande competição entre os artistas.

*Contemporâneos - Aqui no Brasil temos os editais que deveriam garantir estrutura financeira para a realização de projetos artísticos dos mais diversos. Mas infelizmente, muitas vezes, os artistas se sentem censurados e com a temática da criação direcionada pelos itens sugeridos e, muitas vezes, exigidos pelos editais. Você sente este tipo de limitação, nas formas de arrecadação de patrocínio que procura nos EUA?*

Julia Ritter - Algumas vezes. Algumas oportunidades têm a temática já preestabelecida sim, essa situação é difícil, pois acarreta uma grande frustração, assim mando projetos para outros países, projetos internacionais para poder manter minhas ideias. Por isso que a minha Cia é pequena. Angariar fundos é muito difícil e trabalhoso, você passa dias e dias indo a reuniões nas organizações de fomento a arte, explicando o projeto e lutando pelo reconhecimento.

Há fundações muito boas que apresentam bons patrocínios com liberdade de construção. Se você

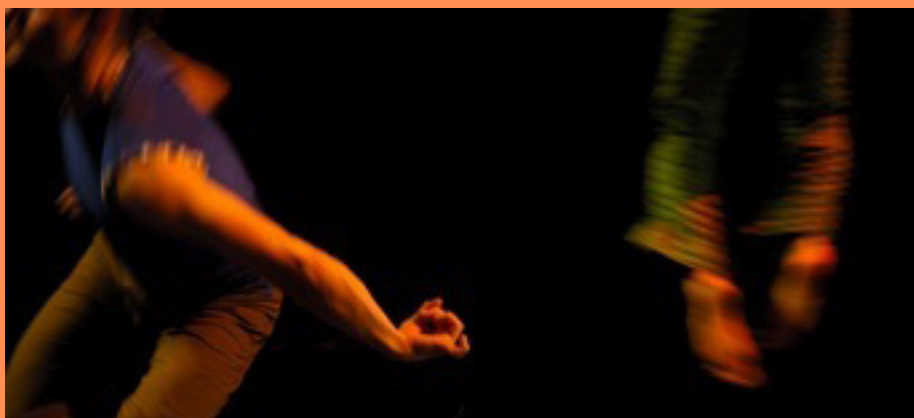
mora no Texas, por exemplo, seria mais fácil, seria menos competitivo. Já cidades como Nova York, por exemplo, possuem muitas Cias buscando as mesmas fontes de patrocínio.

*Contemporâneos – E o público? Você acha que o público está pronto para assistir Dança?*

Julia Ritter - Isso é muito interessante, faz parte da minha pesquisa também.

Nós (nos EUA) temos muita dança na televisão, temos reality shows, e este tipo de dança é muito aceita, é popular, tem grande audiência. E assim me questiono como se tornou tão difícil trazer as pessoas ao teatro, é um desafio. Quem são estes que assistem muita dança na TV? E quem serão aqueles que virão ao teatro?

É um desafio que também questiono na pesquisa e tentamos destruir esta barreira. No meu departamento na universidade temos uma boa platéia, porque temos um projeto em que formamos platéia. Há um curso antes da apresentação, cursos fáceis, mas teóricos. Assim convidamos estudantes de outras áreas, como engenheiros, agrônomos, para fazer o curso e apreciar os espetáculos.



Andre Costantini

*público é sempre um desafio, é um desafio conquistá-lo*

*Julia Ritter*

Temos cerca de 40 mil alunos na universidade, assim com este sistema de formação e divulgação posso considerar que temos um bom público dentro da Universidade. Mas com a Cia, eu tenho que desprender muito tempo divulgando o espetáculo “conquistando platéia”, e até dispensei os alunos das aulas para irem assistir os espetáculos, e os ingressos tem preço simbólico.

*Contemporâneos - ultimamente aqui no Brasil, especificamente em São Paulo, temos um público cativo para Teatro Musical, e assim como o Teatro há muito mais audiência quando comparado a platéia da Dança, o que você acha desta constatação?*

Julia Ritter - Acredito que algumas pessoas em suas experiências em Dança, viram algumas peças e disseram “eu não entendi, eu não entendo Dança”, e talvez eles contem esse desconforto aos

amigos. Acho que é escolha do artista fazer algo acessível ou não.

Eu tento incluir músicas cantadas, alguns momentos mais engraçados, e momentos mais literais. Mas isso depende, as vezes faço espetáculos mais abstratos.

Não sei, público é sempre um desafio, é um desafio conquistá-lo, principalmente na Dança Contemporânea, que é uma arte que requer experiência prévia. Por isso que começamos o curso de formação na universidade, para introduzir estes alunos, para que se tornassem leitores de Dança, assim como se introduz a leitura, para formar leitores de literatura.

Começamos o curso para que os alunos deixassem de se sentir menos inteligentes por não entender, mas observar que a interpretação, percepção deles também é válida. Não é costume nos EUA, acredito que aqui no Brasil também não seja costume, assistir à Dança Moderna, à Dança Contemporânea. A maioria das pessoas nunca teve a oportunidade de ver, e aí está o papel de nosso curso, dar oportunidade a mais pessoas conhecerem a Dança Contemporânea. Provavelmente, se você não for à universidade você nunca verá Dança Contemporânea. O Ballet, o Teatro Musical são mais comuns, geralmente (nos EUA) você cresce assistindo.

Assim, como outra estratégia de formação de platéia, começamos a dar aulas de Dança Contemporânea nas escolas públicas para as crianças. Acredito que este é o melhor jeito, é educação, Se você quer ter público, conquistá-lo, você tem que ir atrás, trazê-los para apreciar seu trabalho.

*Contemporâneos - Ultimamente somos cobrados no nosso processo de criação, que tudo deve ter um significado, como se não pudéssemos dançar profissionalmente apenas por gostar ou pelo processo de investigação do movimento pelo movimento. Como analisa esta visão pejorativa da criação pelo motivo (movimento) e não pelo tema?*

Julia Ritter - Acredito que podemos criar coreografias que são apenas movimentos sem perder o status de arte, mas acredito que você deve ter princípios de organização. Particularmente nos EUA, temos uma tradição de coreografias apenas pelo movimento, dançar por dançar, sem história. Merce Cunningham, foi um dos pioneiros. Ele fazia dança apenas pela dança, dizia que “se você ao assistir minha peça achar um significado, tudo bem, mas eu não quero impor significados a você”.

O modo que passei a pensar é que: você pode criar considerando inúmeras possibilidades, por exemplo, o espaço, relacionamento com espaço, relacionamento e uso de objetos, relacionamento com outros bailarinos, com o chão, não necessariamente seu fio condutor deve ser um tema como guerra, ou algo assim.

Digo aos meus alunos que é necessário ter princípios de organização. Por exemplo, fazer uma coreografia a cerca da diminuição, compressão de espaço, uma coreografia que comece usando grande espaço e vai diminuindo gradativamente. Pode criar a partir de diversos tipos de saltos. Isso não necessariamente tem um significado, ou teve um significado para o processo de criação. Mas o público, ao assistir, provavelmente, encontrará um significado, e considero que isso é o que importa. O que importa é propiciar, criar um momento de experiência ao público.

Sinceramente acredito que você não pode controlar o que o público pensa, e nem quais serão as experiências sentidas por ele durante a apreciação de seu espetáculo. Se você tem um tema particular



em mente, certamente você poderá criar imagens, situações em uma cena que se relacionarão com o tema, mas mesmo assim não poderá controlar o que o público interpretará.

O meu lema como artista é não necessariamente passar uma mensagem, trabalhar com um tema, mas proporcionar uma experiência, uma bela experiência, que faça o público sentir, pensar, ter emoções, reações mentais e corporais. Não tento controlar isso, acredito que temos que ter princípios organizacionais, mas não uso na maioria das minhas criações temas e definitivamente não uso a criação de histórias, acho muito específico.

Neste projeto que estou desenvolvendo com os alunos aqui no Curso de Dança da UFV, meus princípios organizacionais giram em torno da pergunta motivadora: “Por que você Dança?”, a partir dela tenho outras perguntas “Qual seu primeiro movimento que tem em memória?”, “Qual seu movimento favorito?”, “Qual é a parte do seu corpo que mais gosta?”, organizo minha composição a partir destas perguntas. Mas não sei o que virá. Não é como recriar Cinderela, não é uma história com personagens pré-determinados. Mas é meu tipo de organização coreográfica. Mas como eu disse, podemos criar a partir de milhares de estímulos.

*Contemporâneos - O que é Dança para você? E você se sente privilegiada por tê-la em sua Vida?*

Julia Ritter - Sim, definitivamente sinto-me privilegiada por ter a Dança em minha Vida. Pois, realmente ela tomou conta de tudo em minha vida.

Conheço muitas pessoas que amam a Dança, mas não a puderam transformar em profissão. Sinto-me muito privilegiada. Lisonjeada pelas oportunidades que meus pais me deram, pelas oportunidades que vieram em meu caminho. Dança para mim é comunicação, conexão, proporciona oportunidades de criação, minha imaginação é massageada, libertada, proporciona saúde, me deixa relaxada, sem stress, me conecta a pessoas, novas pessoas, fazer amigos, teoricamente é tudo isso além de esteticamente bela.

A Dança exige muitos sacrifícios, você tem que mudar sua vida, não pode fazer o que todos os seus amigos fazem, não pode ir a festas todas noites, ou ir a jogos de futebol, você terá que dizer várias vezes, “ahh, não posso, tenho ensaio”. Passamos muito tempo dentro dos estúdios, mais dentro do que fora. A Dança exige sacrifícios. Costumava dizer que a Dança mudou minha vida, mas ela sacudiu minha vida, mobilizou de uma outra forma.

Tem um escritor que diz sobre a literatura que “tenho que fazê-lo para me sentir bem, mas muitas vezes não me sinto bem fazendo-o”. Acho que Bob Dylan disse algo do tipo “eu odeio estar no palco, mas é o único lugar que posso estar”. Acho que muitos artistas se sentem assim, pensam exaustos “ahh, por que estou fazendo isso?”, é um desafio, mas é necessário continuar em Busca.



A Revista Contemporâneos agradece a gentileza da Professora Julia Ritter. Agradecemos ao Curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa, e a Profª Alba que nos privilegiou proporcionando aulas teórico-práticas com a querida Julia Ritter.

*“Costumava dizer que a Dança mudou minha vida, mas ela sacudiu minha vida, mobilizou de uma outra forma”*

*Julia Ritter*



Acervo pessoal Aline Serzedello Viçosa

**Acesse o site da Cia, Julia Ritter Performance Group**  
**[http://web.mac.com/juliaritter/Site\\_2/Welcome.html](http://web.mac.com/juliaritter/Site_2/Welcome.html)**